

TRABALHO DOCENTE, PROFISSIONALIZAÇÃO E IDENTIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDO

Álvaro Moreira Hypolito*

Jarbas Santos Vieira*

Maria Manuela Alves Garcia*

Márcia Ondina Vieira Ferreira*

RESUMO

Este artigo descreve a trajetória teórica desenvolvida pelo grupo de pesquisa Processo de Trabalho Docente. Discorre sobre as principais temáticas trabalhadas pelo grupo em torno de análises sobre o trabalho docente, dentre as quais as discussões sobre classe social, profissionalização, sindicalização, relações de gênero e identidade profissional. Por fim, indica os caminhos e projetos que estão sendo pensados no momento atual, o que inclui, além daqueles temas já desenvolvidos, debates sobre profissionalização, reestruturação curricular, subjetividade e identidade docente.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho docente, profissionalismo, identidade

* Docentes da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas — UFPel.

Álvaro Moreira Hypolito: Professor Assistente do Dep. Ensino, Fac. Educação da UFPel; Mestre em Educação / UFMG, Doutorando em Educação / UW-Madison (University of Wisconsin).

Jarbas Santos Vieira: Prof. Adjunto do Dep. Fundamentos da Educação, Fac. Educação da UFPel; Mestre em Educação / UFRGS, Doutor em Educação / UFRGS, Pós-doutorando na Universidade de Barcelona.

Márcia Ondina Vieira Ferreira: Prof. Adjunta do Dep. Ensino, Fac. Educ. UFPel; Mestre em Educação / UFRGS, Doutora em Educação / Univ. Salamanca – Espanha, pós-doutoranda na Clacso – Buenos Aires.

Maria Manuela Alves Garcia: Prof. Adjunta do Dep. Ensino, Fac. Educ. UFPel; Mestre em Educação / UFMG, Doutora em Educação / UFRGS.

TEACHERS' WORK, PROFESSIONALIZATION
AND IDENTITY: CONTRIBUTIONS TO THE
CONSTITUTION OF A FIELD OF STUDY

ABSTRACT

This article delineates theoretical ways that the Teachers' Labour Process Research Group has developed in its academic approaches. It describes the main issues over analyses of teachers' work, among which debates social class, professionalization, unionism, gender relations and professional identity. In the end, this paper indicates the proposals and ways that have been thought at this moment, what includes, besides the previous issues indicated, debates over professionalism, curricular restructuring, subjectivity and teacher identity.

KEY WORDS: teachers' work, professionalism, identity

O propósito deste artigo é apresentar as contribuições à investigação sobre o trabalho docente desenvolvidas pelo grupo de pesquisa "Processo de Trabalho Docente"¹, destacando o percurso teórico no campo de estudo e os principais achados das investigações realizadas, bem como indicar projetos em planejamento ou possibilidades de investigações futuras.

O grupo de pesquisa foi organizado com o objetivo de:

¹ O grupo de pesquisa, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq sob o nome "Processo de Trabalho Docente", foi criado em 1999, envolvendo pesquisadores/as que já trabalhavam o tema e outros que passaram a desenvolvê-lo a partir das necessidades do Programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação (FaE) da UFPel, formado atualmente pelos Cursos de Especialização em Educação e Mestrado em Educação. Está composto por docentes da FaE, das redes de ensino de municípios próximos à sede (Pelotas) e por estudantes da universidade.

contribuir para o aprofundamento do saber a respeito da profissão docente, independentemente do nível ou rede de ensino. São exploradas as características do trabalho docente, os perfis dos profissionais arrolados nesta categoria, a identidade profissional dos mesmos, o tipo de participação em movimentos sociais e/ou sindicatos de trabalhadores, etc. Considerando a necessidade de sistematizar informações a respeito da categoria dos docentes nos diferentes níveis/redes, o grupo enfatiza a importância de realizar parcerias com instituições governamentais e sindicais ligadas à área educacional.

Atualmente o grupo organiza seus estudos e investigações em torno das seguintes linhas de pesquisa: "identidade e profissionalização docente"; "reestruturação educativa e processo de trabalho docente"; "trabalho docente e dinâmicas de classe social, gênero e etnia"; e "trabalho docente e sindicalização".

Cabe ainda dizer que compartilhamos da convicção a respeito da flexibilidade de referenciais teóricos para a análise do trabalho docente. Supomos que isso ficará claro no decorrer deste texto que está organizado em quatro seções. Nas três

primeiras, desenvolvemos as principais trajetórias teóricas do grupo em torno de análises sobre processo de trabalho docente, classe social, profissionalização, sindicalização, relações de gênero, identidade docente, dentre outros aspectos. Na última seção, indicamos caminhos e projetos que estão sendo pensados e / ou desenvolvidos no momento atual, a fim de tornar mais visível a tendência a ser percorrida por nossos estudos.

PROCESSO DE TRABALHO, CONTROLE E IDENTIDADE

Desde o início dos anos 90 tem havido, no Brasil, um esforço para uma sistematização dos estudos sobre o processo de trabalho docente. Como contribuição para esse esforço, temos dedicado parte do nosso trabalho de investigação para melhor entender as configurações históricas do trabalho de ensinar e as formas de organização do processo de trabalho docente (Hypolito, 1991).

No final da década de oitenta, quando o século XXI já se avizinhava, o principal debate sobre a profissão docente era em torno da conceituação de classe social do professorado e sobre a natureza do trabalho docente, principalmente com a publicação de alguns artigos que demarcaram e estimularam as discussões

(Apple, 1987 e 1988; Arroyo, 1985). Debatia-se, então, se os professores e as professoras realizavam um trabalho produtivo ou improdutivo ou, em outras palavras, se a natureza do trabalho que realizavam era capitalista ou não, e se pertenciam, como grupo social, à classe trabalhadora ou à classe média, como tradicionalmente haviam sido considerados até então por estudos sociológicos clássicos. Esse debate foi enriquecido com a publicação do dossiê "Interpretando o trabalho docente" pela revista *Teoria & Educação*, número 4, a qual, trazendo artigos de vários autores nacionais e internacionais, desenhou o debate desse campo de estudos para os próximos anos, incluindo, dentre outras, discussões sobre gênero e magistério, profissionalismo, proletarização e saberes docentes.

A partir de uma perspectiva neo-marxista, alguns trabalhos realizados por membros do grupo de pesquisa empregaram as dinâmicas de gênero e classe social para uma interpretação do trabalho docente no Brasil (Hypolito, 1994;² Vieira, 1992). Por um lado, Hypolito buscou sistematizar as principais orientações teóricas sobre trabalho docente na produção acadêmica brasileira, fazendo uma análise da constituição histórica do professorado no Brasil, na qual discute aspectos da composição social e da natureza de classe

do magistério, contestando a visão clássica que lhe atribuía uma posição de classe média. Para tanto, baseia seus argumentos na idéia de ambivalência de classe que vive esse grupo social, com características ao mesmo tempo de classe trabalhadora e de classe média, sustentada por Apple (1988), e na ambigüidade da docência, entre o profissionalismo e a proletarização, que lhe impõe uma condição de semiprofissão, conforme sustenta Fernández Enguita (1991).

Por outro lado, dedica parte significativa do estudo na tentativa de compreender o processo de feminização do magistério, a partir de aspectos históricos da sua formação cultural e ideológica. Para isso, utiliza categorias como gênero e classe social para uma análise do processo de feminização e proletarização docente, bem como análises da influência do patriarcado como herança cultural e ideológica, e da vocação como ideologia reinante na formação da identidade docente como trabalho de mulher (Hypolito, 1994).

Por fim, na referida pesquisa, é discutida a natureza do trabalho docente, retomando-se temas econômicos e organizacionais do processo de trabalho,

² Publicado depois como livro: Hypolito, A. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

em que são debatidos aspectos da teoria da intensificação — sublinhada por Apple —, articulados com classe, gênero e profissionalização em busca de uma interpretação menos economicista e menos mecânica do trabalho docente, destacando-se o papel do professorado como trabalhador cultural e intelectual reflexivo (Hypolito, 1994 e 1995).

Em pesquisa realizada com professoras na cidade de Pelotas, diferentemente daquilo que vinha afirmando a teoria da proletarização, Vieira (1992) encontrou uma série de contradições entre as formas de racionalização impostas à educação e às práticas e concepções desenvolvidas pelas professoras no seu cotidiano de trabalho. Afirmava então que, diferentemente dos operários na produção capitalista, as professoras não se viam totalmente apartadas das funções conceptuais do seu trabalho, garantindo um relativo controle sobre o ensino que desenvolviam. As contradições daí advindas acabavam limitando as tentativas do Estado e do capital em conformar o trabalho escolar às suas demandas, haja vista que as respostas (práticas) produzidas pelas professoras, submetidas a um conjunto de interesses contraditórios, não podiam ser totalmente previstas ou padronizadas, dependendo, antes de tudo, de suas próprias experiências de trabalho.

O trabalho conclui que era preciso tornar tais práticas visíveis, pois isso possibilitaria a construção de novas estratégias políticas de contestação ao capital e ao próprio Estado capitalista.

A continuidade dos estudos impôs o entendimento de que, se por um lado, o processo de proletarização docente não poderia ser prontamente similarizado àquele vivido por trabalhadores e trabalhadoras fabris e de escritórios, por outro lado, o próprio Estado e o capital não cessavam de constituir crescentes políticas de controle sobre o professorado. E mais, as formas de controle não poderiam ser somente relacionadas ao capitalismo e ao Estado burguês, como instâncias fundamentais para a explicação das formas de controle sobre a educação (Hypolito e Vieira, 2002).

O conceito de controle começou a tornar-se central para a compreensão do trabalho docente e, por relação, e para a compreensão da produção e distribuição do conhecimento escolar. Entretanto, o controle deveria ser compreendido para além de todo e qualquer tipo de determinismo sociológico. Melhor seria compreendê-lo como uma relação de poder e não como propriedade do Estado, do capital ou de uma classe (Vieira, no prelo).

A discussão sobre trabalho docente e profissionalização continuou a ser

perseguida na busca de uma utilização mais articulada das dinâmicas sociais de classe, de gênero e de raça / etnia³ para uma melhor compreensão das estratégias de controle sobre o trabalho docente. Em outro trabalho (Hypolito, 1999), o desejo e a busca de uma profissionalização docente, como sonho prometido, parecem não resistir aos processos concretos do trabalho docente. O sonho prometido de uma profissionalização docente parece transformar-se em sonho negado quando o trabalho docente concreto é confrontado com as relações de gênero, de classe e de raça / etnia a que está submetido (Hypolito, 2001).

Esse processo de negação da profissionalização docente em boa medida tem sido determinado, em nosso entendimento, pelo impacto das políticas neoliberais de reestruturação educativa (Hypolito e Vieira, 2002). Essas não só conformam o processo de trabalho docente, como também definem novas identidades docentes. Estudos nessa linha, orientados por uma perspectiva que analisa essas reformas e seus efeitos sobre o trabalho docente a partir de uma abordagem que tenta articular teoria crítica com elementos do pós-estruturalismo, como Stephen Ball tem formulado (Ball, 1994), vêm sendo desenvolvidos no sentido de interpretar o impacto das reformas conservadoras e neoliberais

sobre a organização escolar e o trabalho docente (Vieira, 2002 e prelo). A passagem a seguir dá o tom dos estudos que alguns pesquisadores do grupo têm perseguido nos últimos anos:

Os professores e as professoras possuem interesses e identidades ligadas a gênero, raça e classe social. As contradições existentes nas lutas sociais e políticas de negação ou de afirmação das culturas das minorias e de diferentes grupos étnico-raciais, em relação com as classes sociais, envolvem também os/as docentes. Os professores e as professoras, ao verem-se obrigados a padronizar o ensino desde a perspectiva de uma cultura padrão — centrada na masculinidade, na branquidade, no cristianismo e no eurocentrismo —, vêem-se diante de relações políticas de poder que envolvem seus próprios interesses de gênero, de classe social e étnico-raciais. (Hypolito e Vieira, 2002, p. 280)

Assim, deve-se considerar que, para a construção de uma identidade docente,

³ O tema das relações étnico-raciais e trabalho docente ainda não foram suficientemente trabalhados pelo nosso grupo de pesquisa, com exceção de Silva (2002) e dois textos de Hypolito (1999 e 2001).

tanto as formas de controle sobre o trabalho docente pretendidas pelas políticas de padronização quanto as práticas de contestação e resistência desencadeadas por docentes, não estão estabelecidas *a priori*. As possibilidades de legitimação ou de deslegitimação dessas políticas neoliberais, por parte das ações docentes, envolvem não só os interesses dos/as estudantes mas os próprios interesses docentes como sujeitos que constroem suas identidades. (Hypolito e Vieira, 2002, p. 280).

SINDICALIZAÇÃO, GÊNERO E TRABALHO DOCENTE

Outros estudos desenvolvidos estão calcados na consideração de que o trabalho docente, na atualidade, está atravessado pela *dicotomia* entre *proletarização e profissionalidade* do professorado, expressa em diversos aspectos dos debates no campo acadêmico e nos encaminhamentos da organização (sindical) do professorado, em especial em países como o nosso, onde este tem enquadrado a si mesmo na categoria de “trabalhadores da educação” (Ferreira, 2002a).

Desse ponto de vista, tal dicotomia tem sido abordada não a partir de uma análise do processo de trabalho docente,

mas tendo em vista a própria identidade ou percepções do grupo analisado. As metodologias utilizadas, então, centram-se na perspectiva dos sujeitos, utilizando-se principalmente a técnica de entrevista semi-estruturada ou, conforme a natureza do objeto das pesquisas, as histórias de vida de professores e professoras (Bacelo, 2000; Beckenkamp 2000; Ferreira, 2001, 2002b; Oliveira, 2002). Também no que tange uma parcela da opção metodológica, têm sido buscados, como interlocutores, sindicalistas docentes (Bacelo, 2000; Ferreira, 2001, 2002b), considerados “bons informantes” (Haguette, 1997; Thiollent, 1986). Além disso, técnicas quantitativas, como a estatística descritiva, vêm sendo usadas com a intenção de reunir dados que nos possam dar pistas a respeito dos perfis do professorado objeto de estudo, conforme a especificidade de cada projeto (como em Bacelo, 2000; Ferreira, 2002c; Oliveira, 2002).

Considera-se que o amplo processo de sindicalização docente, nos diversos níveis e redes de ensino, produzido principalmente a partir das lutas pela democratização do país, poderia ser um indicador da identidade — de classe? — assumida pela categoria. Essa identidade revelaria aspectos contraditórios porque, ao lado da necessidade de continuar pensando sua ocupação como nitidamente intelectual, com certo grau de

autonomia e merecendo, portanto, incentivo por qualificação e qualidade das tarefas desenvolvidas, a perda de *status* é inegável e acaba sendo associada — às vezes como causa, às vezes como consequência — ao processo de pauperização do professorado. Deste modo, o principal problema apresentado pelos(as) docentes quando tratam de sua situação é o seu evidente empobrecimento, sem se ocupar da divisão e organização do trabalho na escola como um indicador de sua alegada proletarização (Beckenkamp, 2000; Ferreira, 2001).

Constata-se, assim, que o movimento docente encontra-se entre a proletarização e a profissionalidade; ao mesmo tempo que defende o caráter profissional de seu trabalho, criou sindicatos de classe, no lugar de associações profissionais. Diferentemente dos profissionais, usando a terminologia de Fernández Enguita (1991), o professorado não controla o ingresso na categoria, nem o registro profissional, não possui um código de ética. Mas sindicalistas docentes investigados por Bacelo (2000) e Ferreira (2001), tal como também referenciado em outros estudos (Tiramonti, 2003), debatem-se entre a luta reivindicatória, sustentando-se na articulação com grupos ocupacionais proletarizados, e a recuperação da

dignidade profissional de quem executa um trabalho intelectual com (certa) autonomia.

Não obstante, a opção de centrar o foco na perspectiva do próprio professorado a respeito dessas questões conduziu a alguns encaminhamentos metodológicos não previamente esperados, como aqueles referentes às especificidades dos gêneros dentro do trabalho docente. Esse aspecto destacou-se a partir de algumas investigações (Ferreira, 2001, 2002c) especialmente porque, embora parte da literatura (Almeida, 1998; Apple, 1987, 1988; Guerrero Serón, 1996) assegure a importância das relações de gênero para se compreender a gênese e a situação atual da categoria docente, para as professoras e os professores investigados esse aspecto era totalmente invisível. Têm sido realizados estudos, então, nos quais se tenta balizar a importância de ser homem ou de ser mulher para se compreender alguns aspectos da trajetória docente, das escolhas em relação à ocupação, das perspectivas em relação ao futuro profissional e da percepção quanto às práticas pedagógicas e divisão do trabalho na instituição escolar (Beckenkamp, 2000; Costa, 2002; Ferreira, 2002b; Oliveira, 2002).

PROCESSO DE TRABALHO,
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE
DOCENTE

Desde outra perspectiva teórica parte do grupo de pesquisa vem desenvolvendo estudos e pesquisas que tomam como matéria de investigação discursos e práticas educacionais, pedagógicas e curriculares como práticas de governo, analisando seus efeitos para o trabalho docente, tendo como foco o estudo das implicações das práticas escolares e dos artefatos discursivos e culturais na constituição da subjetividade e da identidade docente, bem como o estudo de suas implicações e efeitos para os saberes docentes, para a prática e para a formação docente. Esses enfoques teórico-metodológicos são derivados dos estudos pós-estruturalistas e pós-críticos em educação, incluindo ainda as contribuições dos estudos feministas e dos Estudos Culturais.

Como já referido, o magistério é uma categoria amplamente constituída por mulheres, o que, como se sabe, influencia em muito a constituição da identidade profissional bem como a prática pedagógica que se desenvolve nas instituições escolares. Nessa direção, compreender como a questão do gênero das docentes e suas representações influenciam suas práticas pedagógicas e a relação que estabelecem com seus

alunos e alunas tem sido um foco de nossas preocupações (Monteiro, 2003).

Muito ainda tem-se falado da heterogeneidade entre os docentes e da diversidade de condições de formação e de trabalho que caracteriza o exercício da docência. Os professores e as professoras exercem seu trabalho no interior de instituições e sistemas de ensino muito diferenciados por nível e jurisdição: são professores/as da educação infantil, professores/as do ensino de fundamental, do ensino médio, do ensino superior, de estabelecimentos públicos, privados, confessionais, oficiais, formais, não-formais. A marca dessa categoria é a heterogeneidade. E isso coloca questões imensas e urgentes tanto para o estudo dessa ocupação, como para o encaminhamento das lutas políticas e sindicais. As condições de trabalho e os interesses desses sujeitos, conforme sua posição profissional e institucional, são profundamente diferentes.

Professores e professoras são a todo o momento seduzidos e interpelados por discursos que dizem como devem ser e agir para serem mais verdadeiros e perfeitos em seus ofícios. Diferentes "regimes do eu" e formas de subjetivação concorrem para essas definições e lutam pela imposição de significados acerca de quem os professores e as professoras devem ser em determinadas conjunturas,

como devem agir e qual o projeto formativo que devem, com as escolas, levar adiante frente aos desafios da cultura e do mundo contemporâneos.

Desde essa perspectiva estão sendo desenvolvidos estudos acerca da identidade e dos modos de subjetivação dos professores e das professoras na esfera pública, atentando para a política de representação e subjetivação que estão instituindo discursos veiculados por grupos e indivíduos que disputam o espaço político e cultural ou que estão na gestão do Estado. São exemplos desse tipo de abordagem Anadon (2001) e Garcia (2002a, 2002b e 2002c).

São diversos os veículos desse discurso e alto o poder de penetração das demandas oficiais em jornais, nos comentários educacionais veiculados pela mídia, nos periódicos especializados, etc. Enunciados sobre a escola e o magistério são recorrentes e povoam o universo simbólico acerca da educação, das instituições escolares e dos seus agentes, autorizando expectativas e produzindo uma demanda por determinado tipo de identidade.

A identidade e a subjetividade dos professores e das professoras são negociadas entre essas múltiplas representações, dentre as quais, e de modo relevante, aparece a política de identidade estabelecida pelo discurso

educacional oficial. Os discursos educacionais oficiais, entre eles os discursos curriculares oficiais, são aparatos de gestão dos docentes e da organização dos sistemas escolares (Braga, 2003). Ao tratar dos objetivos do trabalho escolar e do estabelecimento das normas e diretrizes da prática pedagógica escolar, esses discursos tratam também da linguagem e dos modos pelos quais professores e professoras devem ser vistos e falados, bem como sugerem os termos e os modos pelos quais devem falar de si e de seu ofício.

A gestão da identidade profissional docente é uma tarefa central no governo e na condução do sistema educacional e escolar de uma nação (Lawn, 2001). Definir pelo discurso que categoria é essa, como deve agir, quais suas dificuldades e problemas é produzir uma parcela das condições necessárias à fabricação e à regulação da conduta desse tipo de sujeito. É, de certo modo, fornecer os parâmetros da ética e da experiência que professores e professoras podem ter de si mesmos em determinadas conjunturas.

TRABALHO DOCENTE: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS

Nesta seção, à guisa de conclusão, vamos indicar alguns caminhos que estão sendo projetados para o desenvolvimento do campo de estudo pelo grupo de

pesquisa. Em primeiro lugar, faz parte de nosso programa desenvolver um projeto integrado sobre o perfil do magistério na rede pública da região sul do Rio Grande do Sul, que sirva tanto para atualizar informações sobre o professorado quanto para a constituição de um banco de dados para outros estudos. A idéia é realizar um amplo estudo horizontal a fim de mapear o professorado, sob diferentes aspectos — sociais, econômicos e culturais — que nos permita aprofundar análises sobre o impacto mais objetivo das políticas educativas dos últimos anos sobre o trabalho docente e, ao mesmo tempo, desenvolver estudos qualitativos sobre a constituição mais subjetiva do trabalho docente.

Nesse sentido, novas investigações estão sendo delineadas, não só para continuar entendendo os efeitos das políticas educativas conservadoras sobre a identidade docente, mas também os efeitos das políticas educativas contra-hegemônicas sobre o trabalho docente, em termos do controle e da autonomia político-pedagógica, em termos da intensificação do trabalho e em termos da construção das identidades baseadas nas dinâmicas de gênero, raça e classe social.

Trata-se de compreender qual conhecimento e quais práticas (discursos) prevalecem no processo educacional,

buscando, por um lado, atualizar o debate conceitual sobre os significados do trabalho docente e do currículo, bem como seus efeitos de poder na constituição das identidades profissionais e sociais de seus agentes e, por outro lado, visualizar novas formas de intervenção política na educação.

No que tange os estudos sobre sindicalização docente, pretende-se aprofundar o conhecimento acerca das características da categoria docente nas diferentes redes e níveis de ensino, com vistas a subsidiar análises a respeito das conexões entre sindicalização e percepção do trabalho docente como profissionalizado ou proletarianizado. Isso significa, entre outras coisas: conhecer a estrutura das carreiras do magistério; compreender as características do sindicalismo docente, especialmente do sistema público de educação, incluindo o grau de sindicalização do professorado e outras informações sobre o seu perfil, que abranjam sua constituição étnico-racial e a percepção das relações de gênero na docência (como a distribuição do professorado segundo o sexo, conforme os níveis de ensino, a participação de mulheres e homens na atividade sindical, etc.; analisar como as direções sindicais docentes entendem o tipo de participação que os sindicalizados têm no sindicato; e examinar os argumentos

apresentados pelas referidas direções para incluir o professorado nas categorias de “profissionais” ou de “proletários” (Ferreira, 2002 e 2003).

Com relação às questões da constituição da identidade e da subjetividade docente e suas transformações nos últimos anos, estaremos investindo em algumas investigações (por exemplo, Anadon, 2003; Venzke, 2003) que pretendem analisar o modo como as professoras e os professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental percebem as transformações instituídas no cotidiano das escolas públicas de educação infantil e de ensino fundamental pelas políticas educacionais neoliberais e seu impacto na identidade profissional desses sujeitos.

As questões a seguir expressam problemas de pesquisa que vimos tentando delimitar em torno do campo de estudos que tem como foco trabalho docente, processo de trabalho e identidade: como vem se constituindo a identidade e a subjetividade docente nas últimas décadas a partir de diferentes aparatos discursivos e educacionais? Como os professores e as professoras vêm falando de si e de suas tarefas a partir das transformações do trabalho escolar instituídas com as reformas educacionais de cunho neoliberal nos últimos anos no Brasil? Quais os modos de subjetivação

instituídos por diferentes aparatos discursivos e pedagógicos para a docência? Que deslocamentos de nossa identidade e subjetividade é saudável incitar nos tempos em que vivemos? Quais as representações do professorado acerca do gênero e suas implicações no ensino? Como a questão do gênero constitui a identidade profissional docente?

Pretende-se compreender como o trabalho docente e o currículo são produzidos pelos discursos dos professores e das professoras e, também, pelas recentes reformas educacionais (curriculares) experimentadas no Brasil e no exterior. Ou seja, compreender como essas reformas constituem os discursos e as práticas curriculares experimentadas pelo trabalho docente nos sistemas de ensino e quais as implicações daí decorrentes na produção (fabricação) da identidade do professorado. Isso pressupõe que as reformas produzem discursos que buscam garantir eficientes formas de governo sobre o trabalho docente, tratando de legitimar e estabelecer limites (ou fronteiras) sobre as identidades que podem circular (existir) dentro do processo educacional. E isso ocorre, a nosso ver, principalmente pelo redimensionamento da gestão do trabalho docente, via currículo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

ANADON, S. *Qualidade à vista: trabalho docente e discursos neoliberais*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2001. (Monografia, Especialização)

ANADON, S. "*Big Teacher*" Brasil: a identidade de professoras de séries iniciais do 1º grau. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2003. (Projeto de Dissertação, Mestrado)

APPLE, M. W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo de trabalho docente. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 60, p. 3-14, fev. 1987.

APPLE, M. W. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 64, p. 14-23, fev. 1988.

ARROYO, M. G. Quem de-forma o profissional do ensino. *Revista de Educação da AEC*. Brasília, ano 14, n. 58, p. 7-15, out./dez. 1985.

BACELO, J. *O trabalho docente na Universidade: perfil do docente universitário na percepção de membros de direções sindicais da ADUFPel*. Pelotas: Faculdade de Educação/ UFPel, 2000. (Dissertação de Mestrado).

BECKENKAMP, A. H. *Empobrecimento e futuro do trabalho docente na visão de professoras do ensino fundamental da rede pública estadual do Estado do Rio Grande do Sul*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2000. (Dissertação de Mestrado)

BALL, S. *Education Reform. A critical and post-structural approach*. Buckingham: Open University Press, 1994.

BRAGA, A. V. *Cultura Escolar: As dinâmicas do poder (des)construindo identidades — o discurso dos temas transversais*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2001. (Monografia, Especialização)

COSTA, R. P. P. da. *Coisas de meninos, coisas de meninas: o trabalho docente e a construção das diferenças de gênero*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2002. (Projeto de Dissertação, Mestrado)

FERNÁNDEZ ENGUIITA, M. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

FERREIRA, M. O. V. As contribuições da pesquisa sobre a profissão docente para a compreensão do futuro da docência: algumas perspectivas de estudos no caso brasileiro. In: LAMPERT, E. (org.). *Educação na América Latina; encontros e desencontros*. Pelotas: EDUCAT, 2002a. p. 231-259.

FERREIRA, M. O. V. *Docência e relações de gênero: participação de mulheres e homens no CPERS/SINDICATO*. Pelotas: Departamento de Ensino/UFPel, 2002b. (Projeto de Pesquisa)

FERREIRA, M. O. V. Entre a “proletarização” e a “profissionalização” da categoria docente: o caso dos docentes de escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul (Brasil). In: XXIII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA — ALAS, Guatemala Antigua, 2001. Guatemala, *Anais*, 2001. (CD-ROM).

FERREIRA, M. O. V. *Mulheres e homens no sindicato docente: o caso da CPERS/SINDICATO*. Pelotas: Departamento de Ensino/UFPel, 2002c. Paper inédito, 26p.

GARCIA, M. M. A. A docência no discurso das pedagogias críticas. In: HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A. (org.). *Trabalho docente: formação e identidades*. Pelotas: Seiva, 2002a, p. 139-169.

GARCIA, M. M. A. *Pedagogias críticas e subjetivação; uma perspectiva foucaultiana*. Petrópolis: Vozes, 2002b

GARCIA, M. M. A. O intelectual e o professor críticos; o pastorado das consciências. *Currículo sem fronteiras*, v. 2, n. 2, p. 53-78, jul/dez. 2002c. Disponível [http://](http://www.curriculosemfronteiras.org)

www.curriculosemfronteiras.org; acesso em 12 de jun. 2003

GUERRERO SERÓN, A. La profesión docente: asociacionismo y feminización. In: GUERRERO SERÓN, A. *Manual de sociología de la educación*. Madrid: Síntesis, 1996. p. 193-207.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HYPOLITO, Á. M. Processo de Trabalho na Escola: algumas categorias para análise. *Teoria & Educação*. Porto Alegre, n. 4, p. 3-21, 1991.

HYPOLITO, Á. M. *Processo de Trabalho na Escola: uma análise a partir das relações de classe e de gênero*. Belo Horizonte: UFMG, 1994. (Dissertação, Mestrado).

HYPOLITO, Á. M. Relações de gênero e de classe social na análise do trabalho docente. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 4, p. 5-18, 1995.

HYPOLITO, Á. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papiрус, 1997.

HYPOLITO, Á. M. Trabalho Docente e Profissionalização: sonho prometido ou sonho negado?. In: VEIGA, I. P. A. e CUNHA, M. I. (org). *Desmistificando a Profissionalização do Magistério*. Campinas: Papiрус, 1999. p. 81-100.

HYPOLITO, Á. M. Multiracial Reality, White Data: the Hidden Relations of the Racial Democracy and Education in Brazil. In: GRANT, C. A. and LEY, J. *Global Constructions of Multicultural Education: Theories and realities*. Mahwah/NJ - London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001. p. 159-173.

HYPOLITO, Á. M. e VIEIRA, J. S. Reestruturação educativa e trabalho docente: autonomia, contestação e controle. In: HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A. (org). *Trabalho Docente: Formação e Identidades*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002. p. 271-283.

HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.; e GARCIA, M. M. A. (org). *Trabalho Docente: Formação e Identidades*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

LAWN, M. Os professores e a fabricação de identidades. *Currículo sem fronteiras*, v. 1, n. 2, p. 117-130, jul/dez. 2001. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org>; acesso em 12 jun. 2003.

MONTEIRO, C. R. *Meninas e meninos: as representações de gênero de professoras de séries iniciais*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2003. (Relatório de Pesquisa)

OLIVEIRA, A. S. B. de. *Reflexos no espelho: gênero masculino no magistério*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2002. (Dissertação, Mestrado).

SILVA, J. R. da. Relações raciais/étnicas e práticas pedagógicas: uma relação a ser discutida. In: HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A. (org). *Trabalho Docente: Formação e Identidades*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002. p.239-256.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

TIRAMONTI, G. Sindicalismo docente y reforma educativa en la América Latina de los '90. Disponível em <http://www.flacso.org.ar>. Acesso em 25 jan. 2003.

VENZKE, L. H. D. *Professoras da educação infantil em Pelotas: identidades em construção*. Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2003. (Projeto de Dissertação, Mestrado).

VIEIRA, J. S. *Limites da racionalização do processo de trabalho docente*. Porto Alegre: Faced/Ufrgs, 1992. (Dissertação, Mestrado).

VIEIRA, J. S. Política Educacional, Currículo e Controle Disciplinar (implicações sobre o trabalho docente e a identidade do professorado). *Currículo sem Fronteiras*, v. 2, n. 2, p. 111-136, jul./dez. 2002. Disponibilidade <http://www.curriculosemfronteiras.org>; acesso em 12 jun. de 2003

VIEIRA, J. S. *Um negócio chamado educação: Qualidade total, trabalho docente e identidade*. Pelotas: Seiva Publicações, no prelo. (Coleção Trabalho Docente e Currículo).

Data de recebimento: 15 de junho de 2003

Data de aprovação: 20 de junho de 2003